

O Naufrágio

→ **Classificação:** Episódio de história de vida

→ **Assunto:** Relato de um naufrágio

→ **Região:**

- **Distrito:** Porto
- **Concelho:** Póvoa do Varzim
- **Localidade:** Póvoa do Varzim
-

→ **Entrevistado:**

- **Nome:** Ti Cavalheira
- **Data de nascimento:** 1926
- **Residência:** Póvoa do Varzim

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** José Barbieri
- **Data de Recolha:** 2007
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 0:06:37

→ **Transcrição integral:**

- **Transcritor:** Filomena Sousa
- **Data de Transcrição:** Maio 2012
- **Palavras:** 557

→ **Transcrição literária:**

- **Transcritor:** Filomena Sousa
- **Data de Transcrição:** Maio 2012
- **Palavras:** 545

O Naufrágio

O meu pai tinha dois barcos, depois vendeu um para o filme “Ala Arriba” e ficou com um. Depois, quando aconteceu-nos o naufrágio (neste mês, em Fevereiro) ...ahhh....virámos. Já contávamos de morrer todos.

Eu tinha um filho de um primo meu a bordo, tinha eu 16 anos quando aconteceu isso. E paguei eu, sequinho como estava, diz esse meu primo, diz: “[?] se vamos atirar-nos à água e vamos a nadar para a terra?”.

Ora, agente até estava aqui [?] da Póvoa, mas [?] não aguentamos os dois a vir à terra [?] ... e nu, como a minha mãe botou-me no mundo, atirei-me à água, à espera que ele que se atirasse e ele [?] não se atirou, ficou dentro do barco.

Eu toca a nadar, toca a nadar, toca a nadar, mas não chegava à terra. As vagas do mar eram muitas e, ópois, o vento.

Ouçó aqueles gritos e olho, vejo aquele barquinho à vela - matava-me, matava-me, mas o barco era baixo e eu estiquei assim os braços e aguentei-me à proa do barco. Ora, travei o barco.

O mestre era o Tio António Morte Fiúsa: “Arreia o pano! Arreia o pano!”

Arreíaram-me o pano. Havia um Amadeu Cinco, [?] um rapaz novo (também morreu afogadinho num naufrágio em Matosinhos): “Homem na água! Atento, homem na água!” Vai e botou-me dentro, o barco era muito rasteirinho, era comprido, mas era rasteirinho. Botou-me dentro.

Eu conheci o mestre que tinha trabalhado comigo em Matosinhos: “Ó Tio António estão os homens todos na água”.

Ora, eram quatro que estavam na água, amarrados ao barco.

Quando viemos, voltaram a proa assim do barco, eles saltaram todos, até o barco voltou, papelinho debaixo de ondas, a água entrou. Ele vai amarrar e tal [?]...., aguenta o remo, então remou.

O Tio António Morte chamou o meu pai: “Tomás! Vamos voltar logo aqui em lagoa, e lagoa?”

Diz ele assim [o pai]: “Bota até onde quiseres.”

Chega à lagoa, o mar era um bocadito [esperto (?)], diz ele assim: “(Ó Ti Manel, ó Ti António) Ó Tomás, se vocês aguentassem todos, íamos para... pá Póvoa”.

[Pai]: “Anda!”

O meu pai vira-se para mim, eu era o que vinha todo nu e...

[Ti cavalheira]: “Ó pai..”

[Pai] : “Aguenta-te!”.

Vinha ao remo, ora, o corpo aquecia todo.

Passa aquele barco à vela por nós [um outro barco, o do João Patesca]

[Tio António Morte]: “Tenho home! Tenho home!”

O Tio António não sabia quem era o João Patesca, [e diz]: “Olha que se virou o Ti Tomás Cavalheira, vê se me podes levar dois ou três homens aí.”

O gajo arranca, iam s’embora, iam s’embora.

Nós às vezes parávamos para ir botar a água, porque o mar entrava. Quando chegámos aqui à Póvoa, eles..., se João Patesca se cala, não havia coisa.

João Patesca diz: “Quem se virou foi o Ti Tomás Cavalheira e tal”.

A minha família que estava na praia a essa hora, seis horas, ora, começaram aos gritos, quando viram um barco prá terra vieram direitos ao barco.

Ora eu estava em nu, já com dezasseis anos ou dezassete, olhe, eu para.. desarme o meu remo... e atirei-me à água, assim pra desviar-me [porque estava nu e não

queria que o vissem, nadou para terra, passou por toda a gente a correr e só parou em casa].